

A IDENTIDADE NA *BLOGESFERA*: (AUTO)BIOGRAFIA FEMININA EM QUESTÃO

Manuela Cunha de Souza*

Orientadora: Prof^a Dr^a Nancy Rita Ferreira Vieira

RESUMO

Narrar-se vai muito além do simples registro de momentos. Enlaçam-se, numa teia, memória e (re)criação de si; passado e presente; performance e subjetividade. A partir do pensamento de conceituados teóricos do campo biográfico, como Philippe Lejeune e Paul Ricoeur, aliado às reflexões contemporâneas nesta área, como os trabalhos de Leonor Arfuch, Diana Klinger e Beatriz Sarlo, destacam-se algumas especificidades e aproximações possíveis entre a autobiografia virtual, especialmente as produções em *blogs*, e o texto memorialístico impresso. Sendo assim, diante do afã contemporâneo em divulgar memórias particulares, esgarçando possíveis fronteiras entre o público e o privado, este artigo reflete como cada modalidade de escrita possui suas especificidades, lidando com a memória, o tempo e o público de maneiras diferentes. Para tanto, são analisados dois suportes memorialístico de Paula Lee, prostituta brasileira que vive em Portugal: o *blog* pessoal e a autobiografia impressa, intitulada *Alugo meu corpo*. Em ambas as produções, pode-se perceber como são (trans)formadas suas identidades e como elas se negociam diante de suas vivências. Dessa forma, ao escrever suas experiências, a mulher também se inscreve socialmente, rasurando, assim, estereótipos que silenciavam suas vozes.

Palavras-chave: *Blog*. Identidade. Autobiografia. Escrita feminina. Memória.

RESUMEN

Narrara si mismo va más allá de simple registro. Se mezclan en una red, la memoria y la (re)creación de sí mismo, el pasado y el presente, el actuación y la subjetividad. A partir de estudios de reconocido teóricos del campo de la biografía, como Philippe Lejeune y Paul Ricoeur, combinado con las reflexiones contemporánea sen este ámbito, como las obras de Leonor Arfuch, Diana Klinger y Beatriz Sarlo, destacamos algunas especificidades y las similitudes que puedan existir entre la autobiografía virtuales, sobre todo en los *blogs*, y el texto impreso memorialistic. Por lo tanto, considerando el deseo contemporáneo de revelar recuerdos particulares, que borran los límites posibles entre público y privado, este artículo refleja cómo cada modo de escritura tiene sus particularidades, que trata la memoria, el tiempo y el público de diferentes maneras. Se analizan dossportesmemorialistics de Paula Lee, prostituta brasileña que vive en Portugal: el *blog* personaly la autobiografía impresa, titulada *Alugo meu corpo*. En ambas producciones, se puede ver cómo están (trans)formadas sus identidades y cómo negociar con sus experiencias. Así, al escribir sus experiencias, la mujer también se inscribe socialmente, rasurando estereotipos que silenciaban sus voces.

Palabras clave: *Blog*. Identidad. Autobiografía. Escrito femenino. Memoria.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: manuelacsouza@yahoo.com.br

Relatos ou registros de narrativas memorialísticas sempre existiram, seja em depoimentos, cartas, livros autobiográficos ou biográficos, diários dentre outros suportes que permitem a rememoração como fonte de preservação do acontecido, reestruturação da história (muitas vezes, a partir de um ponto de vista aquém do dominante), ou simplesmente como uma espécie de catarse. O desejo de transformar em linguagem o que se viveu é uma das molas propulsoras desse gênero narrativo, que hoje possibilita essa inscrição nos variados suportes virtuais.

Nas últimas décadas, é perceptível o espaço galgado pelas (auto)biografias nas estantes das livrarias. Não mais os olhares são lançados apenas para pessoas de grande notoriedade na sociedade. Paradoxalmente, os relatos dos sujeitos marginalizados da história são um dos que mais têm destaque para o olhar voyeurístico-leitor. Dentre esses indivíduos, uma categoria em especial demonstra que, apesar de ainda existir o preconceito sobre sua ocupação, seus escritos memorialísticos se mostram cativantes e, cada vez mais, plurais: o da meretriz.

De *blog* para livro autobiográfico, posteriormente midiaticizado pelo cinema: este é um caminho que vem se tornando comum no relato de prostitutas no Brasil e no mundo. O exemplo brasileiro mais conhecido é o de “Bruna Surfistinha” (2005). Sobre a tradução intersemiótica da memória impressa para as telas do cinema, apesar de não ser o foco deste ensaio, é importante destacar suas diferentes perspectivas de produção e recepção. Quando não escrita por um *ghost-writer*¹, a escrita autobiográfica é solitária, enquanto o filme é produzido por uma equipe contextualizada em outro tempo. A recepção também difere, afinal, o texto fílmico reduz o espaço do imaginário por trazer imagens, bem como tem um tempo pré-definido para a narrativa, além de ser visto coletivamente em salas de cinema. A leitura do hipotexto impresso, comumente, se dá individualmente, nos mais variados espaços e o leitor tem a autonomia de voltar ou pular páginas, preencher as lacunas do texto escrito com suas impressões e criatividade. O hipertexto não pode ser ponderado hierarquicamente em relação ao texto de partida, afinal, segundo Ricouer (2011), o primeiro não objetiva ser a cópia do hipotexto, mas uma releitura (tradução).

Há muitos textos memorialísticos de meretrizes brasileiras, como *Alugo meu Corpo* de Paula Lee (2008), brasileira que decide prostituir-se em Portugal, mantendo hoje, três *blogs* e tendo uma publicação autobiográfica impressa; *Eu, mulher da vida* (LETE, 1992) de Gabriela

¹Escritor contratado para, a partir da narração normalmente oral da vivência de alguém, transpor para a linguagem escrita a memória do outro, todavia, o texto é assinado pelo autor das vivências. O *ghost-writer* é um mediador entre a narrativa em si e o texto escrito.

Leite que teve uma espécie de reescritura culminando na autobiografia *Filha, mãe, avó e puta* (LEITE, 2009). A partir deste escrito, a autora teve um papel significativo para desmistificar a vitimização das garotas de programa como mulheres pobres e, simplesmente, vítimas de uma sociedade machista, afinal, ela cursava a USP quando “decidiu”² prostituir-se; paraense, Bianca Aguillara vai ao Japão pesquisar sobre a prostituição e, por opção, experimenta a vida dos cabarés, deixando suas impressões no livro *Fui Prostituta na Terra dos Samurais* (AGUILLARA, 2009). Inúmeros são os textos memorialísticos de meretrizes brasileiras e, cada vez maior, também, é o público-leitor dessas escritas.

Vale ressaltar, nesse contexto de comercialização da memória, as reflexões de Huyssen (2000) no que tange a relação entre mídia, política e amnésia. Essa tríade nasce da musealização do cotidiano e, posterior, consumo da cultura da memória. O medo do esquecimento é combatido com estratégias de registro como álbuns, monumentos, filmes históricos, datas comemorativas, diários, *blogs* etc. Nessa mesma esteira, Meneses (2007) destaca ainda a importância destas inscrições memorialísticas na recuperação da experiência com fins de construir respostas para o momento presente/futuro.

Diante disso, este ensaio se propõe a refletir sobre algumas especificidades e aproximações possíveis entre a autobiografia virtual, especialmente nos *blogs*, e o texto impresso. Perceber a nuance entre esses suportes é fundamental para ponderar sobre o atual mundo do “reality”, em que ficção e realidade se imbricam, além de poder observar como, no escrito biográfico, blogueiras-meretrizes encontram o espaço necessário para expor-se e impor-se em meio aos preconceitos, não mais deixando sua história ser contada por outros e sim tomando para si a possibilidade de escrever a sua própria narrativa.

Tendo em vista a limitação espacial deste ensaio, é preciso fazer um recorte de análise. Para tanto, analisar-se-á, em especial, o *blog*³ e a autobiografia impressa de Paula Lee. Todavia, não se deixará de pontuar, quando necessário, os escritos de outras autoras. A escolha deste objeto de análise dá-se, pois esta autora oferece, a partir de seus escritos de si, um material vasto sobre suas vivências, bem como, reflexões a cerca dos mais diversos temas que perpassam pelo mercado do prazer. Carioca, Paula Lee decide prostituir-se na capital portuguesa e até hoje atua na zona de alto meretrício em Lisboa, ainda que já anuncie que sua carreira está chegando ao fim. Ela escreveu a autobiografia intitulada *Alugo meu corpo*, primeiramente pela editora Dom Quixote (2007), em Portugal, posteriormente pela editora

²Expressão utilizada pela autora.

³ Provisoriamente, o *blog* funciona no sítio <http://amanteprofissional.wordpress.com/>

Planeta (2008), no Brasil. Nela, a autora se revela para além de dicotomias estanques entre a mulher “santa” e a prostituta⁴.

Para iniciar as reflexões acerca da escrita biográfica, vale tecer uma breve consideração conceitual acentuando a nuance de algumas expressões que circulam nesse âmbito. Escrita de si, autobiografia, autoficção são termos que estão sendo utilizados nessa “nova” cultura da narrativa memorialística, muitas vezes, erroneamente enquanto sinônimos. É salutar ressaltar que o desejo de narrar-se não é uma modalidade particular da contemporaneidade. Além disso, destaca-se que o afã de abordar a intimidade em um ambiente público rompe com a velha dicotomia dessas esferas, bem como delineia novas formas biográficas com certas especificidades. Por isso, é imprescindível situar a perspectiva na qual se tomará cada termo antes de aprofundar nas discussões. Considera-se, neste ensaio, a autoficção, conforme os estudos de Diane Klinger (2006), em que o autor é consciente da ficcionalidade de sua biografia, afinal, o escrito é um ponto de vista rememorado e reconstruído por uma pessoa. Nesse sentido, Klinger (2006, p. 24) afirma que: “[...] a autoficção se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita”.

Benjamin (1994) já apontava sobre a impossibilidade de abarcar no escrito memorialístico *todo* o passado, além disso, sabe-se que não há como ser plenamente imparcial no relato, afinal, o narrador deixa marcas ideológicas e identitárias na sua linguagem. Huyssen (2000, p.16) chama atenção ainda para as falsas memórias criadas por eventos traumáticos, destacando que “[...] nem sempre é fácil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real, um dos nós de qualquer política de memória em qualquer lugar. O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos de realidade”. Dessa maneira, pode-se afirmar que a narrativa do passado aproxima-se muito mais da verossimilhança do que da Verdade.

O elemento de diferenciação entre o ficcional e o biográfico, para Lejeune (2008), é o pacto implícito ou explícito estabelecido com o leitor de que aquela obra não se trataria de um romance ficcional. Esta noção, apesar de ser ampla e subjetiva, é a que mais dá conta deste

⁴Vale salientar a perspectiva de Le Goff (2010) quanto ao papel da Igreja na dicotomização da mulher divinizada e a meretriz. Ele considera que a exaltação da imagem de Maria, mãe de Jesus, gera, de um lado, a promoção da mulher e seu “inerente” instinto materno, ao passo que ela se afasta do ser feminino aproximando-se do divino. Dessa forma, a sacralização da mulher é alicerçada na relação entre a Virgem Maria e todas as outras mulheres, agregando-lhes traços sublimes e angelicais. E, em contraponto, quem subverte essa imagem seria posta à margem.

terreno instável do real/imaginário biográfico. Por fim, a escrita de si, ainda sob o olhar de Lejeune (2008, p. 14) é a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Logo em seguida, o autor destaca que perpassa por esse individualismo do sujeito o âmbito social e o histórico, afinal, as pessoas estão inseridas em contextos que, de alguma maneira, influenciam suas atitudes particulares. Nessa perspectiva, ele toma como espaço biográfico o conjunto de dados que compõem a vida do autor, como todos os registros memorialísticos: entrevistas, biografias etc.

Neste complexo espaço que vai além da mera descrição de vivências enquanto fatos, Lejeune (2008) chama de *pactos indiretos* quando há a aproximação do romance e a autobiografia, é o caso dos romances em 1ª pessoa, como em *Memórias da sauna finlandesa*, do paulista Marcelo Mirisola (2009), em que os papéis de autor, narrador e personagem se imbricam tensionando as fronteiras entre o romance ficcional e o autorreferencial.

A espetacularização do indivíduo é resultado de um fenômeno social que se desdobra no campo literário. Entre 1970-80, houve uma intensificação de produções autorreferenciais marcada pelo relato em primeira pessoa, seja em um romance (tanto o contado pelo narrador-personagem, quanto no uso do discurso indireto-livre), seja em uma autobiografia; essa revalorização do “eu” narrativo é chamada de “guinada subjetiva” (SARLO, 2007). Nessa esteira, muitos escritores passaram a criar romances na perspectiva de uma autobiografia, garantindo, no mundo ficcional, que se trataria de uma biografia “real”. Para esses casos, vale lembrar o pacto, desta vez, proposto por Iser (1983), o qual seria um acordo entre autor/leitor, em que este último leria o romance *como se fosse real*, mesmo ciente de que se trata de uma ficção.

Essas visões tênues e, por vezes, paradoxais circulam no espaço biográfico da produção à sua recepção. A noção temporal da escrita, por exemplo, demonstra a impossibilidade de apreender o real na linguagem. Falar em passado é articular dois elementos conflitantes: memória e história. Um “desconfia” do outro: de um lado, o lembrado e do outro, o escrito. Assim, “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, na captura do presente” (SARLO, 2007, p.9), pois é no presente que a lembrança nasce e se concretiza. Em um texto memorialístico, narra-se no presente um fato passado visando aos desdobramentos futuros. Esse tempo tridimensional está sujeito às lacunas da memória, aos interesses do autor, bem como à recepção do leitor. Dessa maneira, ainda não há como prever qual será a leitura realizada por um indivíduo, sendo que cada leitor

lê de acordo com seus conhecimentos de mundo, horizonte de expectativa e local social. Benjamin (1994), nessa perspectiva, considera que a história tenta organizar o caos que são os fatos da vida selecionando e combinando as passagens, por isso pode-se afirmar que quem constrói a história é o presente.

Vale salientar que, apesar de estar materializado na mesma pessoa, o sujeito que vivenciou os fatos não é o narrador, tampouco o personagem; ambos são representações/criações do autor que protagonizou a situação narrada. Arfuch (2010, p.54-5), nesse sentido, afirma que “[...] para além da captura do leitor em sua rede peculiar de veridicidade, ela [a autobiografia] permite ao enunciador a confrontação rememorativa entre o que era e o que *chegou a ser*, isto é, a construção imaginária de ‘si mesmo como outro’”. Logo, considera-se que, para além de buscar uma verdade, a leitura de autobiografias é uma forma de, a partir do pacto com o autor, o receptor se inspirar com as vivências relatadas, aprender com as experiências e, de alguma maneira, estabelecer um laço de cumplicidade confessional entre o autor, que, no momento da leitura, será virtual, e o leitor real.

Por outro lado, no momento da produção biográfica, o autor real escreve sobre um “si” imaginário para um leitor, por enquanto, virtual. É um espaço privilegiado de reflexão, como aponta a autora em estudo, Paula Lee: “Meu *blog* é minha terapia, já disse isso muitas vezes: é aqui que eu descarrego, que eu coloco tudo para fora, que eu tento refletir sobre o que vivo e sobre o que sinto [...]”. [Postagem: As ‘estratégias de marketing’ das acompanhantes (1); 19 julho 2012]. Logo, para ela, escrever sobre si é uma maneira de maturar os acontecimentos vividos (ou não) de maneira reflexiva e, por vezes, confessional. Mas, neste contexto, não se pode desconsiderar que sua postagem foi registrada em um espaço público e, com isso, surgem algumas considerações quanto a essa espontaneidade do discurso memorialístico.

Pensando nisso, vale ressaltar que, segundo Ricouer (2007), a narração é um discurso por ter uma escrita persuasiva; como em todo discurso, os tempos verbais do passado não são livres do presente da enunciação. O presente conduz o passado rememorado. Além dessa reconstrução consciente ou não das lembranças, o registro memorialístico também se afasta do real ao passo que se materializa na linguagem.

Uma palavra (significante) só é seu significado por uma convenção e, caso a desloque de contexto, a mesma expressão pode tomar contornos diferentes. Foucault (2011) já indicava que instituir um conceito fixo sobre algo seria uma violência e, esta escolha, por sua vez, não se daria arbitrariamente, mas através de um jogo de poder. Significar é interpretar, é estabelece-se um centro enquanto ponto de referência provisório (DERRIDA, 2009). Sendo

assim, no instante em que se tenta transpor através da linguagem uma situação vivida, a experiência deixa de ser ela mesma e passa a ser um conjunto de palavras (orais ou escritas) ou gestos convencionalizados, apenas simbolizando o acontecido. Dessa forma, não se pode captar o real na linguagem.

Todavia, é incorreto categorizar a escrita memorialística como simplesmente ficção ou a verdade. Ela é resultado das impressões vivenciadas pelo autor, com suas expectativas quanto à sua escrita, bem como ressignificação diante do presente. Essa representação do passado é uma rica fonte de prazer estético e aprendizado, além de ser um espaço de inscrição identitária privilegiado, pois na autobiografia é o “eu” quem se constrói e se afirma diante da história oficial; é neste espaço que a narrativa histórica coletiva pode ter outro olhar – particularizado, não homogeneizante, o que denota e ressalta que a História é feita de histórias.

É muito comum, na atualidade, ver as esferas privadas e públicas imbricarem-se de maneira que dificulta a compreensão do que diz respeito ao sujeito ou aos outros. Basta observar a quantidade de *reality show* no Brasil e no mundo. Há, na mídia, *reality* em que membro de uma família troca de lugar com outra para tentar se adaptar; outros em que confinam sujeitos diversos em uma casa de luxo a fim de ver com qual deles o público simpatiza; ou ainda os que colocam pseudo-celebridades em um espaço que, na teoria, não dominam, dando-lhes afazeres comuns – esgarçando a barreira invisível de uma personalidade da mídia que também é uma pessoa comum.

É interessante notar que, nessas “construções” midiáticas, há o consentimento dos indivíduos em serem expostos em rede, cientes de que quem ganha o “jogo” é quem o público decidir. O desejo de agradar ao outro é cada vez maior quando os limites público/privado se aproximam, o que faz rasurar o seu próprio desejo. Busca-se ser querido, ser amado, por uma gama de estranhos (tel)espectadores que, após o show, buscará incessantemente saber cada passo de sua vida para saciar a sede de “amar” aquela criação. Pode-se perceber como isto tem afetado a conduta das blogueiras que adquiriram certo número de leitores na seguinte postagem de Paula Lee:

Antes eu contava tudo no *blog*: pra onde ia, quanto tempo ia ficar fora, quando voltaria. Os leitores não só sabiam a minha vida, como também conheciam bastante da minha agenda e dos planos futuros. Isso foi algo que tive que deixar de fazer; estava expondo certas coisas em demasiado, e isso estava me prejudicando. Vocês sabem como é: há pessoas que estão do nosso lado para nos dar apoio, como há aquelas que ficam obcecadas por nós, ou mesmo aquelas que usam tudo o que aprenderam contigo para usarem para fazer coisa errada. [Postagem: O Universo das Acompanhantes (Independentes) Internacionais; 20julho 2012].

A nuance entre quem apenas acompanha a vida da blogueira (em seu *blog*) e as pessoas “obcecadas” inicialmente não é bem estabelecida. Entretanto, quando os comentários e a vontade de acompanhar sua trajetória saem do mundo virtual e passam ao real é sinal de que essa relação transcende a mera observação, deixando o leitor de ser apenas o espectador.

O termo voyuerismo é readaptado às condições de desejo de ver o outro, ao passo do prazer em ser visto. No dicionário de fetiches, Schommer (2008, p. 217-8) desdobra quatro tipos de voyuerismo: o voyuerismo pornográfico, no qual há a aspiração sexual ao olhar imagens ou a própria cena de sexo; voyuerismo presente, feito com o consentimento do casal (chamado pelo autor de objetos do desejo); voyuerismo fotográfico, realizado através do direcionamento daquele(a) que registra as poses à(ao) sua (seu) modelo; e, por fim, e que interessa para pensar no mundo virtual, no que tange aos *blogs*, o voyuerismo oculto.

Este é realizado de longe, com binóculos, ou através de uma janela. Ao pensar nos dias atuais, a tela do computador cria um muro visível e invisível permitindo o “espionar” por cima desta divisória ao entrar em *sites*. É como se cada página da internet fosse um mundo diferente, o qual se pode invadir sem ser visto, observar cada passo do autor do *blog*, por exemplo, no silêncio do anonimato, podendo saciar seu desejo (sexual ou não) de ver o outro, sentir-se próximo a ele, sem ao menos este saber da existência do “voyuer-oculto”.

Claro que, com o desenvolvimento do espaço virtual, a facilidade na compra de computadores e acesso à banda larga, o número de usuários da internet cresceu, conseqüentemente, o que se expõe em rede virtual acaba sendo visto e, por vezes, compartilhado, por várias pessoas. O campo antes reservado para o particular, como nas escritas do diário, passa a ser público. O *blog*, então, se instala neste ambiente movediço do contar-se para o outro. Sobre isso, Luiza Lobo (2007, p. 59-60), acredita que:

A causa para este *voyerismo* seria, então, a mecanização, a previsibilidade e a hierarquização da sociedade, que fixam as pessoas em papéis dos quais não podem mais escapar. Estabelece-se, no *blog*, uma relação dramática entre um batalhão de atores e de *voyers*, num processo imaginário de interação, em que falar da vida alheia não é um problema moral, mas uma questão pedagógica de aprendizado e sobrevivência no novo mundo pós-moderno da era eletrônica (grifo da autora).

O empréstimo do termo exibicionista, por sua vez, não se encaixa nos anseios dos autores dos *blogs*, por exemplo. Segundo Schommer (2008), o exibicionista sente o desejo em mostrar seu corpo a quem não tenha solicitado (vale salientar que esta categoria não abarca a realização sexual na frente de estranhos, isto se chama agorafilia), ele vive no plano no imaginário, não na concretização sexual.

No caso das blogueiras, elas, primeiramente, não se desnudam (no sentido metafórico, tampouco no literal), não se revelam para quem não deseja saber de sua vida. A página virtual se encontra na internet e só acessa quem tiver interesse. As autoras, então, não podem ser consideradas exibicionistas, pois as exibicionistas não estão interessadas em causar prazer no outro, elas se interessam em expor seus corpos causando-lhe excitação, sem pensar na recíproca do desejo; paradoxalmente, nos *blogs*, a escrita busca revelar-se, mas também cativar o leitor que, certas vezes, entra nos sites com a ânsia de saber o que o outro experimentou ou o que ele tem a dizer.

É imprescindível destacar que nem todo *blog* de mulheres tem o cunho autobiográfico. A autoficção no meio virtual, por exemplo, enquanto escrita consciente do autor de autoreferenciar-se em uma ficção, é comum. Inúmeras são as páginas virtuais em que as autoras criam uma *persona* para assinar a autoria de seu *blog* de conteúdo confessional/autobiográfico. Neste último caso, conhecido como os *fakes* virtuais, que seria quando o sujeito se esconde em imagens e nomes ficcionais, a autora real constrói um pseudônimo para assinar seus textos autorreferenciais, não buscando falar sobre sua realidade, afinal, ela tem consciência da ficcionalidade de seu texto.

Seja na autoficção, na escrita de si ou na autobiografia, os relatos vão além do cotidiano. Reflexões filosóficas, indicações de leituras ou atividades culturais, considerações sobre fatos históricos são tópicos comuns nos *blogs* de mulheres. A escrita memorialística é fragmentária, não se pode descrever tudo o que se passou em um dia, mas registram-se impressões, reconstituem-se lembranças explorando o passado, agregando-lhe sentido e coerência. Assim, o tempo pode se manifestar por duração ou intensidade, por isso, por vezes, faz-se necessário a indexação, criando título para cada registro ou marcando-o em categorias. No meio virtual, essa organização é mais visível, pois, comumente, os *blogs* agrupam as postagens em mês/ano e ainda dá a possibilidade da sistematização de postagens de períodos diferentes em uma mesma categoria, organizando os textos não pelo tempo, mas pelo tema (HESS, 2006). No *blog* pessoal de Paula Lee, há a indexação por temática, como: “acompanhamento x prostituição”, “quotidiano”, “perguntas dos leitores”, “vida dupla”; em cada uma dessas categorias, há dezenas de postagens que abordam, de alguma maneira, o mesmo tópico de discussão, independente de quando foi escrito.

Considerar o *blog* como uma simples variação do diário íntimo é um grande equívoco, afinal além de o suporte material ser diverso (o papel e a caneta dá lugar ao computador), o receptor e o contexto de produção são os maiores diferenciais entre ambos. Na *blogesfera*,

escreve-se, comumente, no ambiente privado da casa, à noite, para um leitor virtual que, na teoria, deve ser a própria autora. As informações ali contidas são sigilosas, uma espécie de segredo que se materializa na escrita como uma forma de catarse, ou momento reflexivo das experiências vividas.

No *blog*, por sua vez, bem diferente do diário íntimo, os “segredos” querem ser revelados. A escrita deixa de ser geralmente à noite e passa a ser em qualquer momento e em qualquer lugar, especialmente com o desenvolvimento das tecnologias e da internet via celular, *notebooks*, *ipad* e afins. É cada vez mais comum observar pessoas, no instante em que estão em um evento, postarem fotos de onde estão, demonstrando esse anseio em exhibir-se, ao passo que outros têm o desejo de vê-los. A escrita antes diária (o próprio nome já denota diário) dá lugar à instabilidade de publicações, podendo ser duas, três vezes ou mais no dia, ou semanal. A escrita no *blog* vai de acordo com a necessidade e a vontade da autora.

Além da diferença de quanto e onde serão postados os seus relatos, no *blog* há a possibilidade do diálogo entre autor e leitor a partir dos comentários. Neles, o receptor, quando quiser, pode expressar suas impressões sobre as experiências das autoras, ou afirmar a importância ou não de seus depoimentos, podem sugerir temas para postagens futuras etc. Algumas vezes, a autora opta por moderar esses comentários, a fim de evitar manifestações desrespeitosas ou que não sejam de seu interesse. Como só acessa o *blog* quem tem o interesse nele, é reduzido o número de considerações maldizentes ou ofensivas. Essa ferramenta de diálogo só alimenta o interesse de ambos em manter o contato. Entretanto, nem sempre os comentários refletem o que a autora quer “ouvir/ler”. Paula Lee, no trecho abaixo, chama atenção para algumas interessantes questões: o lugar da verdade em seus relatos e o *feedback* de seus leitores:

Desde quando criei o *blog* que, tudo o que escrevo ou desabafo, sempre vem alguém questionar se não será uma estratégia de marketing...

Ai que tolinhos e ingênuos! Vocês acham realmente que são os meus desabafos sentimentalóides que vão encher a carteira de clientes? Vocês acham realmente que, depois de ler um post meu, um homem sai correndo a pegar o telefone, tentando marcar um encontro para aquele mesmo dia? Vocês acham que, quando decide procurar uma acompanhante, a primeira coisa que um homem pensa é “deixa eu cá ver se não encontro um *blog* de uma acompanhante bem legal, com quem eu possa ter um papo bacana”?

Meus queridos, se fosse tudo estratégia de marketing, eu nem teria um *blog*! Porque é por conhecer este mercado que digo: o *blog* pode funcionar mais contra do que a favor. (grifo da autora) [Postagem: As ‘estratégias de marketing’ das acompanhantes (1); 19 julho 2012]

Se tem efeito negativo a escrita no *blog*, por que, então, ela ainda opta em escrevê-lo? Por que não fazer uma autoficção resguardando sua identidade real, ou sua identidade profissional? A desconfiança de seu leitor tem origens na estrutura social, em que as pessoas buscam a cada instante apresentar uma imagem que lhe traga benefícios. É óbvio, por sua vez, que caso a autora tenha uma história que a qualificasse como antiprofissional ou trazendo à tona um grande segredo pessoal, a menos que não queira, ela pode resguardar-se na omissão desses fatos. Talvez a estratégia de marketing seja não da promoção de si, mas na não degradação de suas atitudes, especialmente, profissionais.

Sendo assim, a escrita em *blogs*, tanto enquanto autoficção como autobiografia, é uma ferramenta rica para se observar como suas autoras afirmam-se e recriam-se. No *blog* de prostitutas, pode-se vê-las para além de sua ocupação no mercado do prazer. Mães, amigas, filhas, trabalhadoras de outra ocupação, esposas são, muitas vezes, outros locais sociais assumidos por elas durante suas vivências. Não se pode perder de vista, então, que a identidade é construída a partir dos valores adquiridos e ressignificados de diversas instâncias da vida cotidiana: o Estado, a família, a Igreja, a escola etc (BOURDIEU, 2010). Nesse sentido, a leitura de biografias das minorias sociais é uma maneira de desmistificar os estereótipos de cada categoria, não dando voz, mas abrindo os ouvidos (ou os olhos) para a narrativa do outro, para que este “outro” possa se revelar.

A identidade é uma convenção socialmente necessária que serve para identificar e agregar os indivíduos em grupos. Porém, a participação nessas comunidades identitárias não é permanente, tampouco exclusiva. Quando um novo contexto surge, o sujeito cria alianças diversas com outras confrarias. Assim, cada local social institui suas leis, as quais devem ser obedecidas a fim de manter sua permanência nele. Todavia, muitas vezes, as regras de um desses espaços conflituam-se, ou até mesmo contradizem, os de outros ocupados por uma mesma pessoa. Sendo assim, a partir da leitura de uma autobiografia, pode-se observar o indivíduo, por exemplo, como um sujeito múltiplo, diferentemente da visão cartesiana do ser humano.

Com a figura da prostituta não seria diferente. Sua ocupação é apenas uma parte de si. Entretanto, a sociedade, especialmente depois da Idade Média e os ideais cristãos, a fim de marcar as diferentes identidades a partir de hierarquias, estabeleceu que essa mulher não teria dignidade por não se inserir nos moldes de sua ordem social. Essa depreciação do diverso não se dá apenas com a meretriz, mas também com qualquer pessoa que subverta e se inscreva fora dos valores sociais e morais vigentes. Historicamente, entretanto, as meretrizes não

tiveram sempre sua figura depreciada, muito pelo contrário, antes de Cristo, elas eram consideradas cultas e, por vezes, até como uma divindade (FONSECA, 1982).

A partir do quinto descentramento do sujeito cartesiano, proposto por Hall (2006), o feminismo, que explode na década de 60, coloca em xeque a dicotomia do privado e público ao politizar a subjetividade, permitindo novas formas de lidar com a memória, com as relações sociais e com a (trans)formação identitária. De alguma maneira, tornar público a vivência particular de mulheres desprestigiadas socialmente tem servido para repensar o estigma agregado à sua imagem, bem como tem gerado reflexões acerca do esgarçamento de fronteiras entre o pessoal e o social, especialmente no campo da *blogosfera*.

REFERÊNCIAS

- AGUILLARA, Bianca. *Fui prostituta na terra dos samurais*. Rio de Janeiro: Lidador, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FONSECA, Guido. *História da prostituição em São Paulo*. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.
- LE GOFF, Jacques. Duas figuras maiores, o Espírito Santo e a Virgem Maria. In: *O Deus da Idade Média*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.
- HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes. In: _____. *Seduzidos pela memória*. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ISER, Wolfgang. Atos de fingir ou o que é fictício num texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. vol II, p. 384-416.

KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro: Autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*. Tese de doutorado em Letras. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

LEE, Paula. *Alugo meu corpo*. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

LEITE, Gabriela. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. *Filha, mãe, avó e puta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MENESES, Ulpiano. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo. *A importância da formação cultural humana*. São Paulo: SESC, 2007.

MIRISOLA, Marcelo. *Memórias da sauna finlandesa*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp 2007.

_____. Sobre tradução. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHOMMER, Aurélio. *Dicionário de Fetiches*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

SURFISTINHA, Bruna. *Doce veneno do escorpião: O diário de uma garota de programa*. São Paulo: Panda Books, 2005.